



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Paiva; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Quibranto*, versos, por Alberto Osorio de Castro;—*A corte de D. José I e o povo de Lisboa*, por Alberto Telles;—*Estudos de hygiene*, por Castor;—*A Micas*, conto, por Lorjô Tavares;—*Cartas do campo*, por Eugenio de Castro;—*D. Miguel, a sua familia e as cortes constitucionaes*, por Pinheiro Chagas;—*Devaneios*, trad. de D. Guiomar Torrezão;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*Na alde a. conto*, por José Maria de Costa.

GRAVURAS:—*Dr. Luciano Monteiro*;—*Andrés Mellado*;—*Um somno profundo*;—*Modas*;—*Alfredo Hennequin*.

CHRONICA

Pairam trovoadas surdas na atmosphera. Lá pelos ares, onde os Edison celestes fazem prodigios de physica recreativa, com enormissimo gaudio das andorinhas e das aguias, vejo acastellarem-se nuvens pardacentas, que destisam vagarosamente sob o azul invisivel, tomando formas estranhas e bizarras.

De longe em longe, o sol espreita para a terra por algum rasgão aberto no denso manto nebuloso, e some-se outra vez, depois de nos ter enviado a furto um sorriso amarello e triste, que mais parece o sorriso d'um moribundo.

O ceu está, evidentemente, com vontade de chorar, mas não se atreve, arrecciando-se da maldição dos habitantes das praias e das Caldas, para quem um agosto choramigas seria a mais amarga, a mais cruel de todas as decepções.

E como não quer ser amaldiçoado por elles, limita-se a fazer caretas muito feias, até que o outono proximo lhe permitta desentranhar-se em lagrimas como punhos, sobre a epiderme cabelluda d'algum banhista retardatario.

Francamente, eu já estou farto de sol e de atmospheras limpidas. Isto de olhar para cima e ver a toda a hora o mesmo ceu, sem a mais pequena variante no seu feitio, na sua côr, no seu aspecto geral, é semsaborão e enfadonho, tanto, como olhar para a cara do nobre



DR. LUCIANO MONTEIRO

duque d'Albuquerque, nosso respeitavel amigo, e vel-a sempre denunciando primaveras eternas, sem uma branca no seu bigode de guias petulantes e symetricas.

Depois, para que me serve a mim o sol? O que lucro eu com as madrugadas crystallinas, com as manhãs

claras, com o ceu diaphano e transparente sem laivos côr de cinza, com esta orquestração opulenta de luz e de calor que vae pelos espaços desde que o maio gentil assoma até que o pallido outubro se avizinha?

Nada, absolutamente nada. Morro para aqui de calor, sem que ninguem me accuda, por isso que Lisboa em pezo foi veraneiar pelos campos fóra, povoando os *cottages*, as quintas, as villas d'aguas, todas essas paragens umbrosas onde se respira oxigenio sem confeição, d'onde se exhala o aroma fino da madresilva e o cheiro activo e benefico dos pinheiraes.

Ali, sim; ali é que eu podia cantar hossanas e offerecer madrigaes floridos ao sol d'agosto, sentindo a minha alma, hoje doente, illuminada por algum olhar benedito, tendo quem me acompanhasse nas minhas correias tortuosas pela matta do Bussaco, pela Copa das Caldas, ou sob a ramaria verde dos platanos na varzea de Collares, ouvindo cair a agua, em fios de prata, do alto dos rochedos informes... Uma delicia!

No meu egoismo,—egoismo perdoavel em quem anda muito fóra da orbita onde fremem as grandes alegrias mundanas—chego até a desejar que se abram de par em par as cataractas celestes e que toda essa gente feliz, que passeia pelas praias e pelas estações thermaes as suas *mousselines* frescas, volte em debandada a quartéis, como um corpo de exercito acoçado de surpresa pelo inimigo.

Vão por certo chamar-me invejoso das alegrias de cada qual, mas a verdade é esta.

Quando vejo, no *carnet mondain* das gazetas, que a viscondessa de X... partio para Cauterets e que a baroneza de Z... bateu as azas para as Caldas, sinto ganas de lhes bater, eu, que segui sempre á risca o preceito:—nas damas não se bate nem com uma rosa.

Egoismo áparte, não era nada mau, por hygiene, que o ceu perdesse o medo e vomitasse lá de cima uns aguaceiros de alagar.

Lisboa está muito enxovalhada e precisa lavar-se.

Em S. Bento, por exemplo, ficaram, da ultima sessão recém-finda, grande numero de podridões, cujo effeito deleterio e lethal não se combate só com desinfectantes. Aquillo precisa d'agua, de muita agua, piassá e côco. Não vae só com acido phenico; necessita de lavagens demoradas; está a pedir chuva.

No Rocio, o quartel general dos faias recalcitrantes, manchado de sangue pela faca traiçoeira do Gabriel Archanjo, tambem se torna urgente a acção benefica de grossas bategas de agua. Ali não se mata só; faz-se de tudo, mas de tudo quanto é torpe, com o assentimento tacito da policia, que, se não veraneia despreocupada e tranquillamente pelas praias ou pelos campos circumvisinhos, vae á noite babar-se diante da Dorinda Rodriguez, na Trindade, a ver se aprende as coplas picantes da creada, da *Gran Via*:

Pobre—chica
La que tiene
Que servir

Accudiu-nos por acaso aos bicos da penna o nome d'esta actriz, que tão celebre se tornou nos ultimos dias, muito mais celebre e muito mais fallada que a Semblich, que a Devriés, que a Pasqua, que a propria Patti!

E já que o seu nome ahi fica escripto, deixal-o ficar, pedindo apenas licença para riscarmos d'elle o *Rodriguez*, que lhe não pertence, que lhe não pertenceu nunca.

A Chronica penitencia se hoje, profundamente envergonhada, da ingenuidade lorpa com que acreditou no casamento e na viuvez de Dorinda.

A graciosa actriz pode estar viuva de um affecto, mas não está viuva de um marido.

E bem melhor lhe fóra, para o conceito que d'ella formavamos, e comosco um publico inteiro, não ter nunca afivelado ao rosto de comediante desenvolta a mascara seria e grave de *mater familias*, mentindo a esse mesmo publico até sobre os restos ensanguentados e decompostos do que apenas tinha sido seu companheiro na vida bohemia de artista.

Bem melhor lhe fóra não ter usado nunca de um appellido de contrabando, mantendo cynicamente esse appellido, mesmo depois do acaso lhe apagar da fronte a aureola de *esposa amantissima*, que tantas sympathias lhe valera entre a nossa sociedade de bons, de ingenuos, de crentes.

Cá pelas terras portuguezas,—saiba-o Dorinda,—chama-se a isso um abuso de confiança; e se as leis não e punem, ha, para o punir, a alma honesta de um povo digno, affrontado na sua boa fé.

Que demonio! Apresentasse-se com a bagagem do seu talento, dissesse abertamente quem era e o que era, e escusava de recorrer ao *sobriquet* de Rodriguez, de se fingir viuva misera e mesquinha d'um misero assassinado, para extorquir ao grande coração popular affectos e condolencias que lhe não pertenciam de direito.

Al fin y al cabo... actriz!

Posto que a tragica scena da praça de D. Pedro destoe enormemente do genero em que Dorinda trabalha, foi mais um episodio da sua vida d'artista, um bom final d'acto com que o destino poz termo áquella romanesca phase da sua existencia nomada e aventureira.

Assim como, estando ainda quentes as cinzas do pobre violinista assassinado, ella poude ter nos labios, diante do publico da Trindade, os mesmos sorrisos que poucos dias antes tivera, e no corpo de colibri os mesmos requebros com que costumava accender enthusiasmos, assim amanhã terá um novo marido para impingir á credulidade d'outros ingenuos.

Chamar-se-ha então Dorinda Jimenez, ou coisa parecida, como hontem se chamava, e ainda hoje teima em chamar-se, Dorinda Rodriguez... *la viuda del violin!*

La viuda del violin! Que bello titulo para uma zarzuela!

Gabriel Archanjo dos Santos! Que lindo nome para o *Flos Sanctorum!*

SANTILHANA.

O QUEBRANTO

A SILVA FERRAZ

N'um lyrio triste, immaculado
Meu coração languido e forte
Eu fui deitar, annueado
De sonhos lugubres de morte.

N'aquella noite em que par'cia
Feito o luar de fluida perola,
Ouvio não sei que melodia
D'uma ballada ignota e cerula

Uma ballada azul das Fadas,
Vinda de lucidas mansões,
E onde, da côr das madrugadas,
Aflavam azas d'illusões,

Atraz do rasto indefnido
D'essa canção, perde-se louco,
D'estranha febre consumido
Meu coração a pouco e pouco.

Desde que ouvio a melodia
D'essa ballada ignota e cerula
N'aquella noite em que par'cia
Feito o luar de fluida perla

A CORTE DE D. JOSÉ I.º E O POVO DE LISBOA

I

Dizia-se muita cousa. Falava-se livremente de tudo por bôca pequena. A honra de Sebastião José, como todos geralmente, não só os fidalgos, chamavam ao conde de Oeiras e futuro marquez de Pombal, era abocanhada; rosnavam do Santo Officio; murmuravam do rei. ¹ O espectro sinistro das forças arvoradas por todo o reino; as linguas de fogo e os rolos de fumo que envolviam os patibulos a escorrer sangue; o temor demasiadamente justificado dos carcereiros em que tantos infelizes se sumiam para sempre; os espiões disfarçados, mas presentes em toda a parte, com o ouvido à escuta: em summa, o terror que o governo tomara por systema de administração não tinha apavorado todos os animos, nem sufocado a voz de todas as consciencias nem amordaçado toda a gente.

Em particular, na intimidade do lar domestico, nos conventos e no sigillo dos confessorios; em publico, nas lojas de mercador e de capella; os corações opprimidos pela cruza do tyranno desabafavam a sua dôr; e os odios comprimidos pela vara de ferro dos juizes, tornados em algozes, tinham um respiradouro. Os presos, accusados de proferirem tamanhas blasphemias, como escreviam os desembargadores, confessando o delicto, desculpavam-se muitas vezes «pelo ouvirem dizer geral e vulgarmente.» Protestavam os Minos que tal não podia ser, porque, se essas infamias se propalasse, «teriam então sido presos todos aquelles que as dissessem;» e logo em seguida, como testemunho de que falavam com sinceridade, pediam que lhes delatasse a pessoa ou pessoas a quem o tinham ouvido, e tomavam-lhes os nomes debaixo de juramento.

Dizia-se muita cousa.

Começando pelo rei:

Logo na cara mostrava ser um ignorante chapado;—em vida de D. João V dizia-se que o principe D. José tinha grande capacidade para governar, mas, no fim de contas, fazia asneiras continuamente;—não governava, porque estava pateta e havia largado todo o governo ao conde de Oeiras;—tinha os olhos tapados, estava cego, e o conde secretario de estado fazia tudo quanto queria;—não era digno nem capaz de ser rei, pois, se o fôra, não teria entregue o governo do reino áquelle cachorro! «deixava-se governar por esse ladrão, e coitados de nós!»—Só tinha dinheiro para jogar e gastar em cousas superfluas, mas para pagar aos soldados que andavam morrendo de fome é que o não havia. E a rainha fazia como elle, jogava muito, e tal era o exemplo que dava a suas filhas, a princeza e as infantas.—Matar porcos era o que elle sabia; ainda estava n'uma caçada, e já falava n'outra, e com taes cuidados nenhum tinha no governo do reino.—A *Vida de Sebastião José de Carvalho e Mello*, manuscripto da Bibliotheca Nacional de Lisboa, tem á margem do § 12 esta nota:—«A el-rei D. José só lhe importavam mulheres, musica, picaria e caça.»—Tratava, pois, só de se divertir, e todo o tempo empregava na caça, em operas, jogos e passatempos illicitos, como era andar amancebado com as mulheres dos fidalgos, e por isso lhe succedera o caso dos tiros.—A este proposito, quando se espalhou que os fidalgos iam a padecer, um tal Simão Correia, homem de negocio, disse para um seu amigo:—«se elle queria apostar que não havia de morrer a marquez de Tavora, moça, nem a duqueza de Aveiro?»—E, pedindo-lhe o outro a razão do seu dicto, respondeu:—«Porque se dizia que sua magestade falava com ellas.»—E como, depois da execução, nem uma nem outra soffreram cousa alguma, a não ser a reclusão da primeira no convento de Santos e da segunda no do Rato, Simão Correia exclamou:—«Que lhe dizia

eu?... E' certo ou não é certo o que eu disse?... Pois saiba que o negocio está como d'antes, e el-rei, cada vez que quer, manda buscar a marquez de Tavora a Santos n'uma sege.»—Isto affirmava de braços cruzados no peito, com grandes véras, que assim lh'o tinha dito pessoa de grande credito.

Simão Correia foi degredado por toda a vida para Bissau, tendo sido sentenciado com outros em 16 de fevereiro de 1761—«breve, summariamente, sem figura de juizo, pela verdade sabida, pelos desembargadores Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira, Ignacio Ferreira Souto, intendente geral da policia, e José Antonio de Oliveira Machado, votando á vista das provas que constam das devassas e perguntas appensas em fórma do decreto de 5 de dezembro de 1760.»—Falando do rei, dizia um franciscano a quem o queria ouvir:—«Aquelle tolo, dentóla e bôca aberta, não cuida do governo; só pensa em operas e caçadas, e não paga a seus creados, sendo por isso que ha ladrões.»—Do grande ministro vociferava d'este modo:—«Esse tolo que ahí anda é o que governa tudo, fazendo muitas tolarias.» E, arregaçando as mangas do habito, acrescentava: «Ah! boa faca de ponta para aquelles cães!» Trazendo para o caso o exemplo de um frade que em França fôra ao paço e, penetrando na camara do monarcha, o matára com duas facadas, por elle não governar bem, pretendia justificar as suas opiniões com o procedimento infame de Jacques Clement.—O rei, emfim, era um pobre homem, um pateta, José Tolo. «Que el-rei nosso senhor era José Tolo, e que, se o serenissimo senhor principe nosso senhor havia de ser o mesmo, melhor fôra não ter nascido»—eis o que diziam muitas pessoas, entre ellas o reverendo padre frei João da Cunha e Silva, prior do convento do Carmo da villa da Vidigueira.

O emprego de tão desaforada linguagem, a proposito do supremo chefe do estado, da sua familia e das principaes do reino, contiouo durante muitos annos, e até se encontra em algumas obras, na exposição de anedoctas mais que picantes, como é facil verificar na *Voyage en Portugal* do pseudonymo duc du Chatelet; mas deve attribuir-se em grande parte á natural opposição que levantavam em todos os animos as grandes novidades do marquez de Pombal. O povo, por ignorancia ou simplicidade, ha de sempre ter em menor apreço os reis como D. José I e Frederico Guilherme, que fiam todo o seu poder de ministros taes como Pombal e Bismarck, do que os da feição de D. João VI. Por estes até elle chora, ainda quando o desampara e o entrega á colera do vencedor, como succedeu no caes de Belem, por occasião da retirada da côrte para o Brazil em 27 de novembro de 1807.

II

Sebastião José de Carvalho e Mello era tambem alvo de acerbas affrontas e dos mais torpes vituperios, de envolta com algumas verdades amargas. O echo, distincto e claro, da voz d'aquella epocha, chegou até nós n'estes clamores odiosos:

Mandava prender muita gente sem o rei saber, e degredava ou mandava com governos para fóra do reino quantos fidalgos havia de são juizo, levantando-lhes falsos testemunhos, já por não querer que lhe fizessem sombra, já por elles serem muito capazes de servir no ministerio e poderem descobrir o que elle fazia. Por egual motivo, tambem aposentava ou demittia os ministros publicos que não eram da sua parcialidade, e nomeava outros para votarem nas juntas e conselhos como elle queria, e não como entendessem em suas consciencias.—Os homens doutos estavam postos a um canto e os ignorantes adiantados, porque o mesmo secretario de estado só cuidava em fazer partido.—De accommodar os seus parentes é que elle se não esquecia; a todos os mais fazia injustiça.—Ambicioso em extremo, tratava unicamente de se encner, de augmentar a sua casa, e de destruir o reino e os vassallos d'elle.—Todo o seu governo consistia, portanto, em furtar. Tinha nos bancos de Flandres muitos milhões de cruzados; por esta causa não se pagava a quem se devia; e, supposto D. José I ordenar o pagamento, não era obedecido, porque o ministro Carvalho tudo mettia em si e era mais rico do que el-rei.—Na verdade, o tempo estava para elle, seus irmãos e sequazes. Que se aproveitassem emquanto o Tolo era vivo; depois quem vivesse o veria! Pois, se o rei faltasse primeiro, ninguem se importaria mais com o conde de Oeiras; assim como, se este morresse primeiro que seus irmãos, mais ninguem faria caso d'elles, por serem dois alarves.

Porque foram presos e expulsos os jesuitas? Para lhes tirarem as fazendas.—Porque foi sentenciado á morte o duque de Aveiro? Porque Sebastião José de Carvalho cubicava as ricas peças que elle tinha, para as dar á filha, quando casou com o conde de Sampaio.—E o que succedeu com a duqueza de Cadaval? Tendo ajustado dar uma filha ao duque de Aveiro para mulher de seu filho, marquez de Gouveia, nunca mais pode haver as joias que a noiva dera em troca de outras, de muito menos preço, que recebera do marquez, não obstante as ter reclamado de Sebastião José de Carvalho, e até de haver entregue por insinuação d'elle, no tribunal da Inconfidencia, as que tinha em seu poder, offerecidas pelo noivo.—«Emquanto elle governar só veremos pobreza e mais pobreza e o reino todo perdido.»—Fazia o que muito bem queria, e D. José não lhe ia á mão em cousa alguma. Era elle quem mandava, e o rei que obedecia. E emquanto o mesmo

¹ Pode talvez parecer arbitraria a ordem porque vão aqui o ministro, o tribunal da Inquisição e o soberano; mas é a dos proprios documentos, que dão ordinariamente o primeiro logar a Sebastião José de Carvalho e Mello, e ao rei o ultimo. No auto de perguntas ao tabellião José Antonio da Silva Freire (careação com o padre Anastacio dos Santos), feitas na cadeia do Linçoeiro em 22 de setembro de 1762—«pelo careado foi dito que tudo o que o careante diz é verdade, porém que por ser tudo dito não só por modo de conversação, mas tambem tanto em segredo que não entendia prejudicava a pessoa alguma, e menos o dissera com animo de offender nem ao exc.^{mo} snr. conde nem ao Santo Officio, e menos a sua magestade, a quem pedia perdão.» Ainda em 1775 succedia o mesmo, pois que o auto das segundas perguntas de Belchior da Fonseca Freire, tenente reformado, termina assim:—«E logo no mesmo acto disse o respondente, chorando a sua desgraça, e principalmente porque tinha alguns lucidos intervallos na cabeça, e que em um d'elles lhe suggerira o demonio o escrever aquellas toscas e torpes palavras, sem animo algum de offender a s. ex.^a e menos a sua magestade.» As palavras torpes eram as de um pasquim em que se figurava uma conversa da estatua equestre com o medalhão do marquez:—«Diz o marquez a el-rei: Tu estás e n cima de mim?—Responde o rei: Sim.—Responde o marquez: Pois eu hei de ser eterno.—Responde o rei: Pois eu cá vou para o inferno; lá espero por ti.» D'esse pasquim Belchior da Fonseca Freire havia tirado uma copia, que se lhe encontrou na algibeira no acto da prisão. Mettido no segredo das cadeias de Belem em 2 de julho de 1775, foi açoitado e degredado para Angola.

rei fosse vivo cada vez havia de ser peor, e por esta causa andava a côrte revolta ¹.

Parecia ter dado coca a el-rei D. José I para elle ser tão seu amigo. Havia-o enfeitado; e só lhe faltava dar-lhe a corôa e o sceptro, porque o mais já elle tinha. Era o rei pequeno. E, todavia, fôra visto a vender gallinbas, e era filho de uma lavandeira que as vendera tambem. Pelo menos, assim se dizia. «Estamos em um tempo, meu amigo—observava o juiz de fóra de Torres Vedras, João Victorino Loureiro de Mesquita, ao dr. Carlos José da Fonseca e Campos—estamos em um tempo, meu amigo, que somos governados por um gallinheiro alli ha dois dias vendendo gallinbas na Ribeira, o que tambem fizera sua mãe.»—Ao que respondeu o dr. Carlos:—«Nanja se fosse vivo el-rei D. João V, porque, quando elle veio de enviado, falara certo fidalgo ao dito senhor para o fazer secretario de estado, e respondeu lhe: «Pois tão grande cargo para um villão ruim?»

Com cara de santo, mas sem lei de christão, o da cabelleira grande não era homem, era o diabol! E de tal raça que fazia mal a quem lhe tinha feito bem. A este respeito um sapateiro, de nome Antonio Coelho, morador a S. Lourenço, preso por falar mal do governo, fez as declarações seguintes:—Que era elle quem fazia de calçar á mulher de D. Manuel de Sousa Calhariz e ás suas creadas graves, e que indo uma vez levar uns sapatos a uma d'ellas, esta lhe dissera que seu amo andava descontente porque o conde de Oeiras não cuidava em o despachar, sendo aliás certo que despachava outros a quem não devia tantas obrigações como a D. Manuel, que tinha falado por elle a sua magestade antes de ser secretario de estado. E que sua ama conhecera muito a condessa de Daun (esposa do conde de Oeiras, que tinha sido em França gommadeira de rendas.—O pobre D. Manuel de Sousa estava desterrado na sua quinta do Calhariz, quando prenderam os fidalgos accusados do attentado de 3 de setembro de 1758, e, sem culpa, fôra tambem preso só por ter ido a Azeitão visitar o duque de Aveiro, conforme se dizia. Encarcerado na Torre de S. Julião da Barra, morreu pouco depois, havendo por esse motivo fortes altercações entre o conde de Oeiras e D. Luiz da Cunha, ministro dos estrangeiros. A morte d'aquelle infeliz era attribuida a muitas privações e maus tractos, e o escandalo foi tal que o rei reprehendeu o ministro asperamente. ²

(Conclue.)

ALBERTO TELLES.

¹ Visconde de Santarem—*Quad. Elem t VI.*

² Visconde de Santarem—idem.

ESTUDOS DE HYGIENE

I

Decrescimento da vida humana

O estudo da historia mostra-nos quatro periodos bem distinctos no decrescimento da vida humana.

Durante o periodo que precedeu o que nós chamamos o Diluvio—especie de conflagração sidero-terrestre, que durou provavelmente muitas centenas d'annos e na qual o nosso globo se achou muitissimo augmentado em volume, o que, naturalmente, mudou tambem a duração dos seus dias e dos seus annos,—a vida humana excedia quasi sempre 900 annos.

Os commentadores tem procurado explicar esta longevidade: pretendem uns que, então, os annos se contavam pelo dobro: anno d'inverno e anno d'estio; imaginam outros que os annos eram quadruplos: primavera, estio, outono e inverno; outros, finalmente, dizem que elles se contavam pelas lunações, de sorte que eram necessarios treze annos d'aquelle tempo para fazerem um dos nossos.

Estes systemas, tão absurdos como ridiculos, nem vale a pena discutil-os.

Porque razão se não admittre que esse tempo foi mais privilegiado do que aquelle em que vivemos? Nada, com effeito, se oppõe a uma tal hypothese na ordem dos factos physicos por nós todos os dias observados.

Se houvesse necessidade de negar a macrobia (longa vida), a verdadeira sciencia podia intervir e suppor que n'aquelle epoca o movimento de translação da terra em volta do sol se effectuava com uma rapidez muito maior e que o seu movimento de rotação sobre si mesma era tambem muito mais precipitado. D'este modo, era rasoavel fazer concordar a somma total dos annos dos patriarchas com a somma media das existencias actuaes.

Mas, como nós não temos aqui razões para contestar o que nos ensina a Biblia, cremos firmemente que, antes do diluvio, a vida humana attingia geralmente 900 a 1:000 annos.

O segundo periodo da longevidade humana iniciou-se logo depois da catastrophe diluviana, durante a qual a Lua veio ligar-se ao nosso systema e retardar assim os dois movimentos de

rotação e de translação da Terra (nenhuma tradição faz menção da Lua antes d'esta epoca). N'aquelle tempo, segundo referem as Sagradas escripturas, o Creador reduziu dois terços da vida do homem, *por causa dos seus erros.*

Sem quereremos criticar aqui o procedimento do Creador para com a sua creatura, afigura-se-nos, comtudo, que elle não teria encontrado desvantagem em modificar, n'um sentido melhor, a natureza do homem. Parece que este plano não estava na sua mente; e assim nós, naturalistas, somos forçados a admittir o dogma de que: *a morte é necessaria para o aperfeiçoamento da especie.*

A vida dos mortaes fluctuou pois entre duzentos e quatro centos annos, e depois, successivamente, entrã cem e duzentos.

Depois de Moysés, começou o terceiro periodo: a vida humana soffreu uma nova e sensivel diminuição.

«O numero dos nossos dias é fixado em setenta annos; só os reis attingem algumas vezes oitenta annos.» (*Psalmo 89, versiculo 10.*)

Na realidade, a média não excedia sessenta annos. Entretanto, houve alguns philosophos e escriptores que attingiram e até excederam a centena.

O quarto periodo começa na nossa era. A vida humana continúa a decrescer cada vez mais.

Os exemplos de longevidade dão-se principalmente em pessoas pertencentes ao clero:—santos e bispos. Santo Antonio, entre outros, viveu 105 annos e o seu companheiro 110.

No fim do ultimo seculo, a média da vida era de trinta annos.

De 1800 a 1815, desceu abaixo de 27 annos.

De 1817 a 1831, subio a 39.

De 1840 a 1859, attingiu 40.

De 1859 a 1866, tornou a descer a 38 annos.

Em 1870, a vida média era, entre nós, de 39 annos e 8 mezes; e de 1870 até hoje, decresceu alguma coisa, podendo-se dizer que é, actualmente, de 39 annos.

II

Influencia da abastança e da miseria sobre a longevidade

Se, de uma população, separarmos as familias abastadas, para considerarmos isoladamente a marcha da sua mortalidade, e a compararmos á da população inteira, veremos que as pessoas abastadas vivem dez annos mais que a vida média e vinte e seis annos mais que os pobres e os miseraveis.

A vida media da totalidade da população é de 39 annos. A vida dos abastados é de 49, e a vida da miseria, de 25.

A miseria destrõe portanto a vida humana, ao passo que a abastança lhe serve de preservativo.

Para provar que a mortalidade está na razão inversa da abastança, citaremos estatisticas recentemente feitas na Inglaterra e na Allemanha.

Em Berlim, tomaram-se 1.000 individuos ricos e 1:000 individuos pobres, nascidos no mesmo mez do mesmo anno. Eis o resultado comparativo dos casos de morte que sobrevieram: restavam:

Dapois de 5 annos	943 ricos	655 pobres
40	938	598
20	866	566
30	796	486
40	695	396
50	557	283
60	398	172
70	235	65
80	57	9

Note-se que esta espantosa desproporção seria ainda muito mais pronunciada, se os ricos, por excesso de prazeres, não houvessem abreviado a duração das suas vidas.

Em Londres, segundo Edwin Chadwick, a duração média da vida da população rica é de 44 annos, e a da população operaria apenas de 22.

Segundo lord Ebrington, as proporções differem mais em favor dos ricos e em detrimento dos pobres. Assim:

Nobreza e commercio, 45 annos e 5 mezes.

Plebe e operarios, 20 annos e 2 mezes.

Estes algarismos provam á evidencia que a miseria é destructiva da vida humana. Devemos agora acrescentar que a miseria moral equilibra quasi por toda a parte a miseria physica.

Está averiguado que nos sitios onde predomina o elemento abastado, a mortalidade, durante o anno, é muito menor que n'aquelles onde reside a miseria.

Prova isto que o estado mais favoravel, tanto para o individuo como para uma população, é o estado da abastança, que assegura a satisfação das necessidades reaes da vida e permite a observancia rigorosa dos principios da hygiene.



ANDRÉS MELLADO

Porque, sem hygiene, não ha saude.
Os capitulos do nosso proximo artigo, terão por epigrapha:
Principios geroes de hygiene, A vida, e A sciencia do passado e a sciencia do futuro.

CASTOR.

A MICAS

Nunca ninguem pode saber porque foi que elle a deixou, ninguem.

Ella, uma loira muito pallida, tinha nos olhos azues, d'esse azul carregado que lembra o azul do céu em manhãs de dezembro, todos os indicios de todas as meiguices e ternuras d'uma alma feita de assucar em ponto—obra prima saída das mãos d'algum confeitiro de primeira agua.

Nos seus labios, vermelhos como pétalas de papoila, iria jurar que pairava de continuo um par de versos, doces como caramellos andaluzes.

Delgada, fina, flexivel, ondulante, pelle assetinada (?) em que se contavam todas as ramificações das suas veiasinhas azuladas, a Micas era uma creatura etherea, quebradiça, transparente como uma gaze, mimosa como qualquer colibri.

Era só vel-a e sentir a gente uma indizível sensação de frio e de espanto, juntamente com o desejo curioso de indagar a sua procedencia, a sua origem, qual a fabrica em que se produzira aquella reunião extraordinaria de linhas, que nos deixava de boca aberta.

Tinha a belleza parada de todas as bonecas de *biscuit* esta pequena franzina, sem curvas, e em que a natureza parecia ter querido exercitar e estudar um systema completo de triangulação.

Belleza, disse eu. Certamente: era bella—um genero especial de formosura, que não tinha um unico ponto de contacto com as outras mulheres. Olhos azues... é coisa vulgar: cabellos loiros... tem-os muita gente: labios vermelhos... possue-os tambem a minha cosinheira, uma alemtejana bexigosa como o Assis, de Faro, e medonha como ella só.

Mas um nariz tal como o da Micas... Era um nariz unico, um nariz sem par, um nariz grego, um nariz-typo, um nariz delicioso, lindo, rosado ao de leve, pequeno, admiravel, surpreendente.

A sua belleza estava ali, n'aquelle appendice adoravel, bem lançado, que faria endoidecer um artista, se um artista se arrojasse a imital-o.

Quasi nos assaltava uma ancia de o trincar, de lhe cravar os dentes!

Que encanto de nariz! Que azas! que côrtes! que moldes! que figura!

Vel-o e amal-o era obra d'um momento. Aquelle nariz met-teu-se-me no pensamento e não mais me largou: anda pegado ás minhas memorias como mollusco preso á propria casca.

Pois, apezar d'este attractivo, elle deixou-a, e ninguem nunca pde saber o motivo d'este abandono, nem eu, o seu amigo intimo—uma intimidade que datava da escola do Pereira, que se estreitou pelos bancos da aula de latim e que resistiu aos desvanecimentos dos nossos bigodes quando despontavam.

Bello moço o Luiz Lopes!

Trigo sem joio, oiro sem liga, alegre que nem um melro e bom e leal como um *terra-nova*.

Se estas linhas te chegarem ás mães, meu Luiz, não te zangues com a comparação. N'este meio corrupto e devasso que nos cerca, nada achei que merecesse as honras de ser nivelado com a tua bondade de então, além da fidelidade meiga d'um *terra-nova*.

Os tempos de então...

Com o isso tudo vae longe! Dez annos... Ora vejam este pestanejar esquisito e este tremor imbecil de saudades velhas!

Nada. Passemos adiante e guardemos isto para os nossos sonhos, ás noites.

Um bello dia o Luiz chegou-se a mim e confidenciou-me um idyllio que principiava a embriagal-o—a eterna historia de todos os vinte annos.

Amava, amaria sempre... E contou-me os seus projectos, as suas largas aspirações, os seus dourados devaneios de poeta, as suas phantasias doidas, arrobos, extasis, delirios, ancias, febres, desejos castos, idealisações.

E eu ouvi, ouvi pacientemente aquella grande enfiada de palavras domingueiros, sorrindo quasi paternalmente e tendo cá dentro uma especie de fervilhar de invejas pela corrente de optimismos que se desenrolavam diante da minha precoce incredulidade.

Eu era o babú das suas confidencias, o receptador d'aquellas joias roubadas á pureza da sua grande alma de poeta e de cren-te ainda não contagiado de uma certa lepra que torna repellentes muitos desoito abris.

Durante dois annos segui em todas as phases aquella primeira lua de mel... sem eclipses.

Que d'coisas se diziam! Que longas cartas musicas em que o motivo era sempre o mesmo e as variações se succediam umas ás outras! Davam bem para dois grossos poemas.

E n'aquelle compartilhar de alegria, o meu sentir soffreu grandes modificações. Faziam-me bom aquelles dois entes que pareciam talhados um para o outro e que afinal se voltaram as costas, atediados e aborridos.

Porque? Mystério que nunca ninguem desvendou.

Volveram-se annos, muitos annos.

Seguimos rumos oppostos. Elle metteu-se lá para o Minho, no silencio de uma terreola ignorada. Eu fui por essa vida fóra, preso a um destino sem destino.

A's vezes vinha uma noticia alegrar-me: era uma carta que chegava do Luiz.

E todo eu estremeia ao deparar-se-me a sua incorrigivel letra garrafal, e as suas chamadas ao passado, á nossa descuidosa infancia. Mas a respeito da Micas nem palavra: uma grande reserva pelo assumpto.

Eu proprio tel-a-ia esquecido, se não me seguisse ainda hoje a imagem do seu nariz esculptural. Que nariz, santo Deus!

Depois, pouco a pouco, a rossa correspondencia afrouxou, esfriou, até que um dia se extinguiu.

Elle fizera-se regedor, partidario das musicas da terra, agricultor ou coisa que o valha, e eu, no meu egoismo de pratico desilludido, senti que o seu nome se sumia varrido para longe.

Uma tarde—foi ha dois mezes—aperta-me de subito nos braços, em plena Avenida, um latagão de seis pés, grosso como um pinheiro, vermelho como qualquer John «alter dinner». Não me suffocou por milagre.

Quando logrei emergir d'aquelle montão de carnes flaccidas, nariz ahi pelas alturas do seu peito enorme, e subi com o oihar até ao alto da sua cabeça, soltei um grito de espanto.

Era elle, o Luiz Lopes, mas mais alto dois palmos e mais gordo uns seis. Alargara. Que areal que superficie! que abdomen! que cetaceo!

—E's tu, hein! é tu? Deixa me abraçar-te outra vez!

—Não, não. Modera-te. Compadece-te dos meus tecidos dos meus ossos.

Elle teve um olhar terno lá de cima, cruzando as mãos no ventre abaulado.

—E' verdade... Ficaste pequeno, hein!

—Fiquei... é isso...

—Ora o meu José! Pois eu cresci, vés? Cresci, engordei casei.

—Ahi casaste!

—Não sabias? Pois aqui tens a minha mulher. Vá, abraça-se...

E lançou-me para o seio d'uma cachopa colossal, grand como elle, que parecia vender saude, e onde eu me sumi por dois instantes, com grave prejuizo da minha compostura.

—E' o tal, sabes? o José, o meu patricio, aquelle de que te tenho fallado tantas vezes.

—Sim? Pois folgo muito em o conhecer. Conhecia-o de ha muito pelo Luiz. Temos lá o seu retrato, por tal signal mais delgadichito do que está agora.

E a rapariga enlaçou-me pelo pescoço, ao passo que elle ria, com o seu bom rir, grosso como um trovão.

De ali a pedaço, sentado entre aquellas duas torres, eu escutava enlevado a descripção d'uma deliciosa vida feliz passada no seu casal minhoto, descripção cortada aqui e ali de interrupções que nos relembravam coisas idas. Nunca a nossa provincia, abandonada lá para o sul, bailou tão viva e radiante na minha frente. Que deliciosa palestra!

—E o lyceu, hein? E o padre mestre Vivas? E aquella historia dos sinos? E o...? aquelle que usava oculos verdes?... como se chamava?

—O Mendes.

—Isso, o Mendes. Sabes lá, mulher! Isto era o vivo diabo! E a proposito: tu has-de ir lá passar uns dias á quinta, um mez, dois mezes, tres mezes...

E eu sorria-me d'aquella sinceridade sem hypocrisias, d'aquelle rir franco, d'aquelle olhar leal e bom.

—Ora, o meu José! Tu ainda escreves versos? Lembras-te? aquellas versalhadas saturadas de *lyrics*... Escreves?

—Não. Agora descrevo.

—Descreves o quê?

—A minha orbita.

—Hum! Em torno de quê?

—Da felicidade. Vigio-a para que me não fuja.

—Isso, rapaz! A vida dura dois dias. Eu cá por mim já tenho dois satellites; has-de vel-os: são dois garotos mais bonitos que a mãe, loiros, bocas pequenas e vermelhas, olhos vivos, narizitos arrebitados, e levados da breca... Verás...

Encarâmo-nos entre risinhos e serios. E' que entre nós er-



UM SOMNO PROFUNDO

guera-se o phantasma das suas primeiras crenças—o ideal nariz da Micas...

—Sabes lá! dizia-me elle depois do jantar, no Francfort. Ainda ás vezes tenho saudades d'ella.

—Ainda? Mas porque a deixaste?

Elle olhou de soslaio para a mulher, e, inclinando-se para mim, segredou:

—Sabes lá! Aquelle nariz soberbo da Micas...

—Acaba.

—Aquillo não era nariz: era uma cloaca...

LORJÓ TAVARES.

CARTAS DO CAMPO

I

Abalei de Lisboa ha perto de um mez, e, d'então para cá, tenho andado d'Hercules para Pilatos, n'uma digressão deliciosa desde os campos florentes de Coimbra até a melancolica aridez das charnecas alemtejanas.

Vae para quinze dias que cheguei a Villa Velha do Rodam,—uma pequenina aldeia nos confins da Beira Baixa, separada do Alemtejo pelo rio que ali corre ao fundo do valle, arrastando a sua tristeza funeraria e gemedora por entre as suas margens pedregosas, onde resalta de quando em quando o verde escuro das tramalgueiras.

A paisagem é puramente alemtejana. Campos enormes d'um tom calido, côr de tijolo, onde os sobros e as azinheiras imprimem punctuações esverdeadas, restolhos doirados com fulgurações rutilas d'um vinho loiro do Rheno e, aqti e acolá, grandes rochedos côr de chumbo, de cujas escarpas se levantam muita vez as grandes minhovas olympicas e as aguias reaes de pennas rufladoras.

O Tejo de aqui é bem differente do Tejo de Lisboa, onde o seu dorso azulado e fresco, cheio de listrões de esmeralda, faz baloiçar os navios ondulantes e as barcaças pintadas de côres vivas, em cujas velas roçam de quando em quando as plumas brancas das gaivotas. O Tejo d'aqui é cheio de tristezas, cor de cinza, com laivos de azul cobalto. Emtanto, esta tristeza condiz perfeitamente com a gravidade sombria dos campos marginaes, onde até as cantigas dos lavradores teem um rythmo gemente e suffocado que expira, a vaga melancholia dos psalmos que desfallecem a pouco e pouco na meia penumbra de uma velha cathedral cheia de sepulturas e de lampadas amortecidas.

Contrastando notavelmente com a soturnidade geral da paisagem, os trajos femininos são de uma garridice irriante, provocadora. As raparigas são esbeltas, cheias de saude, aucas largas, seios rijos, desenvoltas, a testa espaçosa e os cabellos escuros puchados para traz. Mesmo no vigor do verão trazem um grande numero de saíotes de baetilha, que augmenta muitissimo a largura das ancas, com o fim, penso eu, de fazer sobresabir as microscopicas proporções das cintas, muito flexiveis, lilliputianas: por esta razão quantos mais saíotes, mais elegancia.

Estamos no tempo das romarias. Ha duas semanas grande festa na Senhora do Castello, com missa cantada e sermão, vasto commercio de vinho e de melancias de Abrantes, e leilão de fogaças,—as bellas fogaças loiras, em forma de chavelho.

A capella fica no alto de um monte bastante elevado, e é muito proxima a um castello em ruinaría, habitado antigamente pela nobilissima e lendaria senhora dona Urraca, que, infiel ao esposo, foi arremessada do alto de uma torre sobre as aguas murmurantes do Tejo.

Mas, deixando o melancolico romance de dona Urraca, voltemos ao adro da pequenina capella onde eu vi dançar o *fandango* acompanhado pelos adufes sonoros e pelas castanholas alegres e scintillantes. As danças animavam-se cada vez mais, as cantigas cruzavam-se estonteadoramente, os foguetes de dynamite davam estoiros séccos, prolongados, e de repente...—de repente, santissimo nome de Jesus! rebenta um aguaceiro monumental, implacavel, que fez recolher toda aquella gentiaga na sacristia e debaixo do alpendre da capella.

A's cinco da tarde acabou o aguaceiro: emtanto, o alegre entusiasmo dosromeiros tinha-se apagado com a semsaboria da chuva, e assim acabou aquella festa, tristemente, humidamente...

A romaria de Santa'Anna, no Gavião, foi muito mais concorrida e muito mais animada. Lá encontrei quasi toda a gente da villa

Velha e até lá vi o José da Foz—um malandrão que dorme ao relento e negoceia em perdizes, tendo por costume lavar a cara de dois em dois mezes e mudar de camiza tres vezes por anno.

Um bom typo este José da Foz!

Ha tempos aconselhei-o a que mudasse de vida, que aquillo não tinha geito. O rapaz prometeu-me que havia de pensar na profissão a seguir.

Hontem appareceu-me todo risonho, com o casaco esfarrapado, os dedos dos pés sahindo lhe pelos buracos das sapaterras e o chapeirão de palha posto gaiatamente no cucuruto da cabeça.

—Então, já escolheste modo de vida? perguntei eu.

—Já, sim senhor...

—Então o que é?

—Eu lhe digo, meu senhor, vou para Lisboa e lá tenciono fazer-me gallego.

Uma curiosidade da terra é o bilhar, onde se joga sómente com holla e meia, quero dizer:—cada holla tem metade de menos.

Hontem á tarde... Perdão meus senhores; chamam-me para jantar, e por isso até á semana.

Villa Velha do Rodam
25 d'agosto de 1887.

EUGENIO DE CASTRO.

D. Miguel, a sua familia e as côrtes constitucionaes

I

Uma das questões que são tratadas do modo mais completo nas *Estatisticas parlamentares* é de certo a que diz respeito á proscricção de D. Miguel e de sua familia. Nunca este assumpto foi tratado completamente, e no proprio livro do sr. Clemente José dos Santos estão por tal forma dispersos os diversos elementos d'este negocio, que nos parece que prestaremos um serviço á historia contemporanea portugueza narrando, em rapido resumo, a historia curiosa das relações de D. Miguel em Portugal, depois da sua proscricção.

A 18 de março de 1834, quando já se podia dizer segura a victoria da constituição, o governo de Lisboa, constituido em dictadura, publicou um decreto assignado por D. Pedro, duque de Bragança, e referendado por Joaquim Antonio de Aguiar, Simões Margiochi, Agostinho José Faria e José da Silva Carvalho, decreto pela qual o infante D. Miguel era destituido e exauthorado de todas as honras, prerogativas, isenções, regalias e privilegios que lhe competiam na sua qualidade de infante.

Esse decreto era precedido por um vehemente relatorio, em que os ministros, depois de terem historiado a carreira de D. Miguel desde a villa-francada, e de terem posto em relevo as suas responsabilidades na usurpação, diziam:

«Vossa magestade imperial tem dado a escolher aos que se guem o partido do nosso paiz, o perdão ou o castigo. Com o chefe d'um partido tem vossa magestade imperial declarado que não transigirá jámais, por ser contra a sua honra e contra a dignidade da nação. Porém, senhor, a honra de vossa magestade e a dignidade da nação ainda requerem mais, e vossa magestade imperial não pode deixar de ouvir as suas vozes, quando mesmo estas sejam contrarias ás do sangue. O senhor D. Miguel, como já dissemos a vossa magestade imperial, foi o primeiro criminoso contra os direitos da rainha e contra a liberdade da patria; não se teria commettido o crime de usurpação, não se teriam ensanguentado tantos patibulos, não se teriam enchido os carceres de victimas, não se teria abito sido barbaramente assassinadas muitas, não se teria coberto o reino de lucto e devastação, se o senhor infante D. Miguel não fosse traidor e infiel a suas promessas e juramentos. Foi o senhor infante D. Miguel quem animou o perjuro e quem deu o primeiro exemplo d'elle; se o tivera dado de fidelidade, a nação estaria hoje ditosa. O senhor infante D. Miguel, tendo-se despido da qualidade, pela qual, investido da regencia em nome de vossa magestade imperial, podia considerar-se nome inviolavel, deve ser considerado como um rebelde e responsavel pelas desgraças publicas. Vossa magestade tem dado repetidas provas de clemencia; cumpre tambem dal-as de severidade, quando justas considerações as reclamam. Fundados n'este principio, e convencidos de que a dignidade de vossa magestade e da rainha e a da nação portugueza, não consentem que ao sr. infante D. Miguel se conservem por mais tempo titulos e distincções, de que se tem tornado indigno como primeiro criminoso contra o mesmo augusto senhor, e contra a sua patria, temos a honra de propor a vossa magestade imperial o seguinte decreto.»

Seguia-se o decreto a que nos referimos, e n'esse mesmo dia 18 de março era assignado outro decreto, que supprimia a Casa do Infantado, mandando passar para os proprios nacionaes todos os bens d'esta casa, e para o dominio da festa da corôa os palacios de Queluz, Bemposta, Alfeite, Samora Correia, Caxias e Murteira, com as quintas e dependencias. O relatorio d'esse decreto não visava o infante D. Miguel, que fôra pelo anterior despojado do titulo de infante, mas era evidente que não tinha outro fim senão cortar de vez quaesquer pretensões de D. Miguel a ingerir-se nos negocios da familia real portugueza.

A 22 de abril do mesmo anno celebrava-se o tratado da quadrupla alliança entre a França, Inglaterra, Hespanha e Portugal, negociado por Talleyrand, Palmerston, marquez de Miraflores, e Christovão Pedro de Moraes Sarmiento, depois visconde de Moncorvo. N'esse tratado compromettiam-se as quatro potencias a envidar todos os esforços para expulsarem da Peninsula os infantes D. Carlos de Bourbon e D. Miguel de Bragança, pretendentes um ao throno de Hespanha, outro ao throno de Portugal.

A causa de D. Miguel estava irremediavelmente perdida, a batalha da Asseiceira vibrára-lhe o ultimo golpe; obrigado a abandonar as fortissimas posições de Santarem, cuja inexpugnabilidade lhe permittira prolongar a lucta depois da perda de Lisboa, o exercito miguelista retirava pelo Alemtejo, perseguido pelos dois marechaes. Quem perdera Santarem, não podia esperar de certo defender-se em Evora. Por isso a idéa de depôr as armas occorreu ao espirito de D. Miguel. Reuniu em Evora um conselho de generaes, e ahi se decidiu, por maioria, capitular. Foi encarregado das negociações o general Lemos, e das suas conferencias com os marechaes Saldanha e Terceira, em Evora-Monte, resultou a famosa convenção, a que o author das *Estatisticas Parlamentares* chama, não sabemos porquê, *concessão*. O termo mais proprio seria talvez capitulação; mas, sempre que se acham em frente um do outro dois exercitos em armas, embora um d'elles esteja esmagado, não se pode dizer que o vencedor faz uma *concessão* ao vencido.

Não vamos fazer aqui a historia d'esse ultimo periodo da guerra da liberdade; apenas tomamos o que é necessario para o nosso fim especial. Assim vemos, que o art. 5.º da convenção de Evora-Monte concedia ao infante uma pensão annual de 60 contos de réis, e permittia-lhe dispor da sua propriedade pessoal e particular, e o artigo 7.º estipulava que elle dentro de 15 dias sairia do territorio portuguez a bordo de qualquer navio das potencias alliadas, e comprometter-se-hia a nunca mais pôr pé nem em Portugal, nem na Hespanha, nem em qualquer ponto dos dominios portuguezes, e a não perturbar a tranquillidade dos dois reinos, sob pena de perder a pensão.

O artigo 5.º da convenção de Evora-Monte irritou muito a opinião publica, e fez com que o povo de Lisboa, esquecendo os immensos serviços de D. Pedro, chegasse a insultal-o. Comtudo, além das regras de decoro dynastico que levavam o governo portuguez a arbitrar essa pensão a D. Miguel, fôra essa uma das estipulações do tratado da quadrupla alliança.

Além de aceitar os compromissos tomados na convenção de Evora-Monte, ainda D. Miguel assignou, a 29 de maio, por exigencia dos dois marechaes, uma declaração expressa em que se compromettia a nunca se metter, nem directa nem indirectamente, nos negocios politicos do reino de Portugal e dos seus dominios.

Feito isto, D. Miguel, depois de ter dirigido uma proclamação ao seu exercito, em que repetia umas poucas de vezes que cedia não ás forças liberaes mas á intervenção armada de tres grandes potencias estrangeiras, embarcou a 1 de junho no porto de Sines, a bordo do navio inglez «Stay», e dirigiu-se para Genova.

Apenas porém chegou a Genova, o infante D. Miguel protestou contra a convenção de Evora-Monte e todos os actos subsequentes, declarando que acceitára a convenção, e tomára varios compromissos com o unico fim de evitar grandes desgraças aos seus vassallos, e esmagado pela força, mas que protestava, que a sua cedencia a esses actos fôra meramente provisoria.

Esse protesto, datado de 20 de junho de 1834, só foi publicada na «Voce della Verita», jornal de Modena, a 26 de julho, e transcripto depois nas folhas de Genova.

Apenas isso constou vagamente em Lisboa, levantou-se grande agitação na camara dos deputados. Em sessão de 27 de agosto, o deputado barão de Renduffe perguntou ao ministro dos negocios estrangeiros se era verdade ter feito o ex-infante esse protesto, e declarou que, a ser verdade, apresentaria na sessão seguinte uma proposta a esse respeito. O mesmo dizia o deputado Silva Sanches.

O ministro Agostinho José Freire respondeu que o protesto existia, mas que fôra arrancado a D. Miguel. Parece que a camara, muito pouco disposta a acreditar na lealdade do usurpador, não gostou da palavra *arrancado*, e por isso o ministro dos negocios estrangeiros apressou-se a dizer que usava d'essa palavra, porque era essa a que fôra empregada pelos agentes diplomaticos que lhe tinham transmittido a noticia, mas que o facto de não ter apparecido declaração alguma do ex-infante, provava que esse documento não era apocripho.

O deputado Sousa Azevedo, depois visconde de Algés, pro-

poz immediatamente que se declarasse em pleno vigor o decreto de 18 de março, e que o ex-infante nunca, em hypothese alguma, podesse ser chamado á successão da corôa.

Na sessão do dia seguinte, apesar de não haver ainda a certeza da existencia de famoso documento, creceu a agitação e multiplicaram-se as propostas. Fallaram Julio Gomes da Silva Sanches, Leonel Tavares e barão de Renduffe, propondo este que o ex-infante fosse declarado traidor á patria, banido do reino, privado da pensão de 60 contos e sujeito a todas as penas da Ordenação, se ousasse pôr pé em Portugal; propoz mais que se declarasse principiado o ramo collateral, de que falla o artigo 88 da Carta, na pessoa da infanta D. Januaria, que seria reclamada para se educar em Portugal.

Na sessão immediata, o deputado Barreto Perry propoz que os 60 contos de réis fossem destinados a pensões de viúvas dos que tinham morrido pela liberdade. Julio Gomes apresentou a proposta draconiana, que foi depois, pouco mais ou menos, convertida em lei. A proposta tinha 8 artigos.

Agostinho José Freire pediu á camara que tomasse todas as suas propostas e as enviase á commissão da legislação, a qual, fundindo-as, d'ellas extrahiria um projecto de lei que podesse depois ser discutido pela camara. Assim se fez.

A commissão demorou a resolução d'este assumpto. Depois vieram contratempos graves—a morte de D. Pedro, a proclamação da maioridade de uma rainha de 15 annos. Só em outubro voltou a camara a occupar-se do procedimento a haver com D. Miguel.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

DR. LUCIANO MONTEIRO

Foi o advogado do sr. deputado Ferreira d'Almeida no tribunal da camara dos dignos pares. Com o discurso que ali pronunciou, eloquente e energico, conquistou as sympathias geraes.

Luciano Monteiro é natural de Coimbra, e filho d'um sabio professor da faculdade de Mathematica na Universidade. Sua mãe, uma distincta senhora, é franceza, filha da sr.ª Viuva Ayllaud, proprietaria da conhecida casa editora de Paris.

Luciano Monteiro participa das qualidades d'estas origens: é franco e aberto como um portuguez; alegre e scintillante como o mais vivo dos francezes. De resto, a sua physionomia retrata-lhe o moral.

Deve ter 32 annos; aos 20, ou pouco mais, formou-se em direito, sendo classificado. Veio advogar para Lisboa, onde largamente tem mostrado a sua aptidão de jurisconsulto. A celebre questão do casamento do conselheiro Auselmo Braamcamp, em que patrocinou a causa da sr.ª De Vechi, deu-lhe uma grande notoriedade.

Foi eleito vogal do tribunal administrativo, de harmonia com a lei que reorganizou o municipio de Lisboa; tem servido por vezes de juiz do tribunal de commercio. No exercicio d'estas funções mostrou os finos quilates do seu talento e do seu character.

Para Luciano Monteiro começa agora, para bem dizermos, a vida publica. O discurso pronunciado na camara alta, poz em evidencia o seu nome, conquistando-lhe sinceros admiradores.

ANDRÉS MELLADO

DIRECTOR DO JORNAL MADRILENO «EL IMPARCIAL»

Os traços correctos e sympathicos do retrato que hoje publicamos, não exprimem cabalmente toda a distincção pessoal de que é dotado o joven parlamentar e eminente jornalista hespanhol, D. Andrés Mellado.

Director da folha mais importante da nação visinha, é um dos homens da nova geração hespanhola que melhor conhece a historia contemporanea do seu paiz. A sua penna de jornalista tem grande auctoridade e é considerada como uma das mais primorosas da Hespanha actual.

O seu brilhante talento e a energia da sua actividade, de que ainda recentemente deu sobejas provas na tribuna parlamentar, tem-lhe grangeado uma reputação politica de primeira ordem, porque o sr. Mellado, forçoso é confessal-o, é um escriptor consciencioso, independente e honrado, como nenhum outro, em meio das extraordinarias controversias do movimento politico da Hespanha.

E' sobre tudo a esta rara isenção de character e abnegação patriótica, que deve a merecida importancia que realmente goza nas esferas do poder, e nos applausos da opinião publica.



135. r

MODAS

UM SOMNO PROFUNDO

Deixou-se adormecer profundamente, serena e despreocupada, com a alma na mais doce paz.

E dormindo, sonhando talvez sonhos deliciosos, não pode ver a cobra traiçoeira que desliza por sobre as flores postas a seu lado, e que venha mordel-a em pleno seio, feril-a de morte... quem sabe!

E' assim a calúnia. Quando nos achamos despreocupados e tranquilos, o aspide venenoso morde-nos, mata-nos.

Quem é que póde fugir-lhe? Quem?

MODAS

Descrevemos hoje ás nossas leitoras,—pois é só a ellas que se destina esta secção—dois lindos *costumes* para menina e um *costume* de *baby*, elegantissimo, chamando a sua attenção para a gravura a que se refere o nosso artigo.

(1) *COSTUME PARA MENINA*, feito de fazenda de lã lisa e fazenda de lã riscada. Primeira saia, curta, lisa e plissada em toda a roda. Esta saia é bordada em baixo com lã de côr viva. Segunda saia riscada, bastante alta, indo formar *pouf* atraz. Corpo todo bordado em volta, como a saia, e aberto em cima sobre uma camisinha entufada. Mangas lisas e curtas, bordadas por cima d'um tufo. Este tufo e a camisinha são de fazenda riscada.

(2) *COSTUME DE BABY*, em piqué branco. Saia volante, toda plissada. Corpo guarnecido de bordados inglezes, em volta, nas algibeiras e nos canhões.

Sapatos de laço. O cabello cahindo sobre os hombros.

(3) *COSTUME PARA MENINA*. Saia com largas riscas de duas côres, em pregas tambem bastante largas. *Polonaise* comprida, de lã bege, levantada em bicos sobre a saia. Corpo aberto sobre um collete semelhante ás riscas mais escuras da saia. Graude collarinho de pontas. O collarinho e os canhões como as riscas mais escuras da fazenda.

Um chapéu de palha, com a aba toda voltada para cima, e enfeitado na frente com uma ave de fanthasia, completa esta bonita *toilette*.

ALFREDO HENNEQUIN

Morreu ha dias doido, em Paris, o conhecido auctor dramatico, Alfredo Hennequin, de quem hoje damos o retrato.

Hennequin nascéra em L'ége, em 1842. Seu pae destinava-o ao alto commercio, chegando mesmo a estar addido, como engenheiro, á exploração dos caminhos de ferro do Estado Belga. Em 1869, não podendo resistir á sua vocação theatral, escreveu e fez representar, debaixo de pseudonymo, em Bruxellas, uma comedia, *J'attends mon oncle*, que não desagradou. Depois escreveu então uma série de comedias, com enorme exito, algumas das quaes os nossos leitores conhecem, taes como *Le Procès Veauradieux*, que foi traduzida para portuguez com o titulo de *Fortuna e Felicia*, *Niniche*, *Lili*, *Bébé*, *La Femme à Papa*, *Les trois chapeaux*, etc.

O excessivo trabalho a que se entregou, perturbou-lhe as faculdades mentaes, e em março de 1886 teve de ser recolhido n'uma casa de saude em Saint-Mandé. D'ahi a pouco, sua mulher morreu na mesma casa em que elle estava, tambem louca; e nos ultimos dias de julho morreu-lhe sua mãe. Felizmente para o pobre louco, estas mortes não o podiam impressionar, e no dia 7 de agosto succumbiu a um martyrio de quasi dois annos.

Hennequin era cavalleiro da Legião de Honra.

DEVANEIOS

(Catulle Mendés)

I

TIME IS LOVE

—Minha senhora?
—Meu caro senhor?
—Se nós nos casassemos?
—Era exactamente no que eu estava pensando, concluiu ella.

Dito e feito, não perdram um instante.

As familias consentiram, publicaram-se os bathos com uma promptidão extraordinaria; as meninas e as senhoras, convidadas a admirarem a *corbeille*, tiveram apenas o tempo indispensavel para apreciar as joias e as rendas; e dez minutos depois do ca-

samento, na igreja, limitada ao restrictamente indispensavel, partiram pelo expresso para o paiz encantado das oliveiras crestadas pelo sol e das laranjeiras em flôr.

Mas faltou-lhes a paciencia para prolongarem a sua viagem! Logo na primeira estação, apearam-se, procuraram a correr uma hospedaria, e sem mesmo concederem a creada o espaço de tempo necessario para accender o fogão e fazer a cama, enlaçaram as mãos, estreitaram-as, enlouqueceram, fôram amantes, trocaram mais beijos do que aquelles que depõem nos roseiras em flôr, durante todo o verão, as bobolejas e as abelhas.

Al quantas caricias á pressa!

A antiga pendula da alcova—uma honesta pendula, grave, compassada, que não se apressa,—admirava-se de que se podessem fazer tantas cousas em tão pouco tempo.

No dia immediato, quando a noiva abriu os olhos, deliciosamente fatigados:

—Meu amor, disse-lhe elle.

—Que queres?

—Se nós nos divorciassemos?

—Era exactamente no que eu estava pensando, concluiu ella.

II

(S TRES ENCONTROS

Uma vez,—era eu quasi uma creança,—encontrei uma pequena mendiga.

Ella disse-me, offerecendo-me uma rosa sylvestre, retrato da sua bôca, ainda em botão.

—«Por caridade, meu senhor!»

Dei-lhe uma moeda de prata. A mendiga agradeceu-me e retirou-se.

Ao afastar-se, reparei para os seus pequeninos pés nus, adovaveis nos sapatos cambados, para o russo quasi preto da sua nuca frizada. Mas reflecti:—«Ora adeus, que me importa?»

Uma vez—era eu já homem,—encontrei, ao canto de uma rua, uma formosa rapariga, cuja *traine* fazia barulho, ao varrer o chão.

Reconheci, crescida e embellezada, a pequena mendiga d'outr'ora. Sem me offerecer rosas, estendeu-me os seus labios vermelhos e humidos, e disse-me:

«Quanto me dá, meu bom senhor?»

Acompanheia-a até á porta e dei-lhe tres moedas de oiro.

Ella agradeceu-me e disse-me:—«Até á vista!»

Ao descer a escada, recordei-me da alvura rosada do seu peito e do aroma do seu cabello. Mas pensei:

—«Ora adeus! amanhã esquecel-a-hei, como esqueço as outras!»

Uma vez,—era eu já velho—encontrei no Bosque, em um *huit-ressorts*, tirado por quatro cavallos pretos, a pequena mendiga que me offerecera uma rosa, a formosa rapariga cuja *traine* fazia barulho, ao varrer o chão.

Ah! como ella envelhecera! como estava mudada e feia! Aproximando-se de mim, disse-me:—«Não lhe peço nada, meu velho senhor!»

Então, dei-lhe collares de pedras, rios de diamantes, palacios, villas, titulos de renda vitalicia, e o meu coração.

Ella não me agradeceu, e disse-me:

—«Deixe-me em paz, imbecil!»

Ao retirar-me, revii, nas amargas delicias da saudade, os seus tristes labios desbotados, a sua face empallidecida e pintada, os seios murchos como velhas rosas brancas; e pensei, ai de mim! que não a esqueceria nunca!

GUIMAR TORREZÃO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas novissimas

Retribuição, ao distincto charadista «Salvio»

E' uma mulher, que aperta um homem—3—1.

Verbo que n'este rio é entendido—1—2.

No prior é adjectivo da guitarra—1—1.

Adverbio que n'este rio é um carro—1—2.

Olho, na horta uma creada—1—2.

Consisto, por ser mulher de estimação—1—2.

Aprende e corre esse palavriado—1—2.

E' templo verdadeiro, este homem—1—2.

ORUOL.

Charada-mappa (em verso)

A Lourenço Videira, R. de Miranda e Thomé Lopes Lobo

2	2	2	Prima parte vou dizer: —E' mais doce do que o mel;
2	2	2	Segunda, em meu entender, De Roma vem, Manuel;
2	2	2	Tercia, está-me a parecer, Que é amarga como o fel.
Lendo agora d'este lado, Vemos um medicamento, Um objecto architectado E não qualquer instrumento: Mas julgo dar muito enfado O meu entretenimento.			

Charada em verso

Ao ex.^{mo} sr. Antonio Maria, de Santa Comba Dão, primeiro decifrador do meu logogripho posto a premio em o n.º 47 do 3.º anno d'este semanario'

Todos temos, com certeza,—2
O que a floresta nos dá—1.
Mas, o todo reunido
E' peixe do mar, olá!...

Covilhã.

ANTONIO RODRIGUES BRANCAL.

Logogriphos

Ao insigne charadista «Rei Chiquito»

Nas mansas aguas do rio,—9, 5, 7, 12, 6
Na larga extensão do mar,—1, 5, 6, 8, 5, 4, 5
Na infinda amplidão dos ceus—14, 5, 11, 5, 9, 12, 6, 8, 3, 12
Na branda luz do luar,—14, 5, 6, 6, 2, 11
No vasto reino de Flora,—10, 11, 5, 7, 15
Nas producções do pomar,—3, 8, 13, 14, 12, 11, 5
Na pleiade dos poetas
Has de tal nome encontrar.

E' vil, merece desprezo—1, 8, 2, 4, 10, 13, 12
Esta manhosa sujeita;—17, 2, 8, 4, 14, 15, 16, 4, 6, 15
Pois commettendo tal crime,—5, 17, 8, 7, 3, 9, 16, 11, 4
Ficou muito satisfeita.—15, 12, 17, 8, 6, 17

Do logogripho ao conceito
Meu caro leitor attenda:
No todo achará defeito,
Sim senhor, mas não se emenda.

Este genio desenvolto—3, 1, 1, 2, 7, 8, 6, 2, 10, 11
Causou morte, causou dor;—4, 5, 9, 4, 5, 11, 1, 1, 11
Agora, porém, tranquillo,—7, 8, 3, 2, 10, 11
E' nullo, não tem valor.—6, 1, 1, 9, 10, 1

Um insigae charadista
Natural de terra lusa,
Nas producções charadescas
E' d'este nome que usa.

Casal.

CASIMIRA LEITÃO.

Enigma (salto de cavallo)

(A João dos Reis Castiço)

to. ja	cta	sem	soli	ha	(1) Bene	zão?	e. a	jo. a
pre	dão	mui	di	Pois	tua	mi	bre	ra
nox.	que es		mui	nha	nós,		eu. ve	mã
E'	te. hei	mã	Bran	tre. os	to	pom	bes. a	do. so
ten	Amo	duen		ba		do. en	nho	Que
d'a	que	A.	ppar'	(2) cal.	Qual	bran	quan	sa
te	des,		des,	ca l...	cen		ca,	te
m'a	mar.	ves	to. oh	mos	já	cura	te. e	E'
A	mui	vem	Eu	te. es	noi	trar!	não	e. fran

Começa na casa (1) e acaba na casa (2).

Covilhã.

ANTONIO RODRIGUES BRANCAL.

Decifrações

DAS CHARADAS: — Cordovão—Camellopardal—Pedrado—Tarralhão—Goleta—Sedaço—Tomate—Madama—Matacão — Navalha—Palhaço—Balata—Pavana.

DO LOGOGRIPHO: — Espicinardo.

DA CARTA ENIGMATICA: — José Maria Latino Coelho.

A RIR

O joven Gastão abusa das suas ferias para praticar toda a casta de extravagancia.

O pae admoesta-o severamente e diz lhe:

—Desgraçado! Se assim continuas, a primeira coisa que te acontece é cahirem-te os cabellos e os dentes!

—Não tem duvida, papá. Se me der dinheiro, comprarei logo outros.

Um pae elogiava á filha as boas qualidades do noivo.

—E' paciente, sosegado, sobrio, não é teimoso.

—Bem sei. Tem todas as virtudes d'um burro.

O touro, dizia um sujeito explicando historia natural a um filho, é o pae do vitello, e o boi é o tio.

UM CONSELHO POR SEMANA

POMMADA CALMANTE CONTRA A GOTTA

Extracto de opio..... 3 grammas
Extracto de meimendo..... 6 a 8 "
Manteiga fresca..... 30 "

Para fazer uma pommada, com a qual se usarão as articulações dolorosas, na gotta aguda, cobrindo-as com algodão e em seguida com cataplasmas emolientes.

NA ALDEIA

A vasta planície erma estende-se ao longe no seu tom dourado de messe, mordida aqui e ali pelos muros de pedra negra, solta, n'uros que se esboroam com um pontapé ou com o salto de um touro, e que se sustentam por um milagre d'equilíbrio.

A's vezes, no louro trigal da campina, passam sombras de nuvens que caminham alto, interpondo-se entre o sol e a terra.

E' meio dia, e a irradiação da luz, coada no vapor atmosphérico, dá ao ar uma transparencia luminosa e alegre.

Sente-se ao longe o chiar estridente do carro do matto, e de repente, na curva do atalho, apparece o primitivo vehiculo, pesadissimo e medonhamente feio. A alta carga de palha eleva-se n'uma pyramide phantastica. Os dois bois, côr de mel, pucham a carga, possantes e resignados.

O Manuel vem á frente, d'aguilhada ao hombro. E' um rapaz sym, athico. Vinte annos. Barba sedosa e virgem, muito ralla, á nazareno. Tostado do sol. Olhos brilhantes e intelligentes. Descalço. Mangas arregaçadas e grande chapeo de palha. A camisa entre-aberta deixa ver um peito amplo e abahulado, sem cabello. Adivinha-se um sangue rico, sob a sua epiderme ligeiramente bronzeada.

Ao lado d'elle caminha com passo firme, airosa, a mais bonita rapariga d'aquelles sitios, tambem descalça, saia curta, corpete justo e o largo chapeo abeiro de palha, cobrindo um rosto onde espirra a vida e a juventude. E' a sua conversada. Encontraram-se no caminho e seguiram juntos, fallando de amores, influenciados pela sua reciproca formosura, pela sua ardente mocidade e pela inebriante poesia do campo. De vez em quando, as confidencias são mais intimas, e elle, arqueando-lhe o braço em volta da cintura, puxa-a docemente para si, exclamando:

— Ah! Maria! quem dera chegar ao grande dia do nosso casamento!

E' commovida e córada como uma cereja, fitava-o longamente, com intraduzivel expressão de ternura. O seu olhar daria vida a um morto.

E' elle, fascinado, meigo e tímido como um verdadeiro camponio, sentia-se morrer sob aquelle olhar de um amor profundo e sincero. E placidamente, com a segurança de um futuro marido, dizia:

— T'nh'o sede. Dás-me...

— Agua?

— Não. Esta sede é d'amor, e não se apaga com agua.

— Entao com que?

— Com um beijo!...

— Parece-me que é pedir muito... adiantado!

— Não é. Bem vés que se costuma sempre provar o genero antes de o mercar.

— Mas eu não me vendo...

— Nem eu quero mulher escrava.

A Maria levantou vivamente a cabeça e fitou-o.

— Falas seriamente? disse ella.

— Falo. Considero a mulher como companheira do homem, isto é, tantos direiros tem um, como tem o outro. Em tu casando commigo, és senhora das tuas acções e eu sou-o das minhas. Está visto, que é no caso de te portares bem...

A Maria, encantada, lançou-lhe os braços ao pescoço, exclamando:

— Ah! Manuel! Tu és a nata dos homens!

— Venna de lá esse beijo! reclamou elle.

E o beijo foi dado, amoroso, ardente, prolongado, sob a vigilancia... dos bois.

— Já não tenho sede! disse o rapaz, sentindo-se feliz.

— Guloso!

— De beijos, só...

— Então que mais querias?

— Não se me dava... querer mais alguma cousa.

— Olha: estão verdes...

Elle suspirou, exclamando novamente:

— Ah! Maria! Quando chegará o grande dia?

N'isto appareceu uma bifurcação do caminho. Os dois con-

versados tinham de se separar para os seus destinos, e separaram-se com um abraço casto e um beijo sem malicia.

* * *

Tudo tem um fim n'esta marcha implacavel da vida: o numero não podia escapar á lei geral. O Manuel e a Maria casaram-se.

Na igreja da aldeia ia grande reboliço, e preparavam-se no povoado, valentes danças no terreiro publico.

Falava-se do jantar do noivado, como de uma cousa extraordinaria. Haveria talheres! Verdadeiros talheres: faca, garfo e colher, á roda de cada prato, para cada convival!

Colheres, conheciam-se na aldeia algumas, de pau; mas garfos e facas! Para que serviria aquillo? Assombro geral.

O regedor; o ferrador, que exercia tambem as funcções de veterinario, e o sacristão, que accumulava a sua profissão com a de sapateiro das duas unicas pessoas da localidade que calçavam: o cura e o professor—tomavam sofredamente lições de garfo e faca em casa do mestre-escola, conjuntamente com os noivos.

— Mas porque é, perguntavam as respectivas visinhas indignadas, esta moda nova nos costumes cá da gente? Porventura Jesus Christo quando ia ás bodas, serviu-se de faca e garfo? Mais era Deus!

E tomavam rapé, desesperadas.

Veio-se a saber que a exigencia partira do sr. visconde de S. Bernardo, um brasileiro riquissimo, que vinha assistir ao caso.

— Mas, porque vem assistir ao casamento esse figurão? perguntavam as eternas visinhas.

— Ora! porque é o padrinho da Maria! informava a sogra da noiva.

— Ah! é que está o mysterio, visinha. Não se apanha assim um brasileiro rico e demais a mais visconde, para servir de padrinho. Como estas cousas se arranjam, é que eu não sei.

— Nem eu.

* * *

Chegou afinal o grande dia; e á mesa, na igreja, pela rua, todos poderam verificar um phenomeno. A noiva parecia o retrato vivo do brasileiro; até o metal de voz era semelhante. Com os paes, é que ella não se parecia, nem com os irmãos. Este facto, que passara despercebido até aquelle momento, tornou-se logo evidente. E os brincos, o collar, os anneis, o broche e o cordão com a respectiva senhora da Conceição, pendente, tudo d'ouro

massiço, de um valor respeitavel, offerecido pelo visconde á noiva, ainda acirrou mais certas supposições.

Decorreram seis mezes de lua de mel, e um dia, repentinamente, o sr. visconde rebentou com uma magnifica apoplexia, deixando a terça á afilhada.

A terça andava por cem contos deréis em esplendidas propriedades.

E quando toda a gente, de bocca aberta, perguntava, estoirando de inveja, que relações intimas teria havido entre a recém-casada e o brasileiro, a mãe d'ella fez esta revelação formidavel: a rapariga não era filha d'ella, mas sim do visconde e de uma senhora casada, da cidade. Era um segredo que se podia agora contar sem perigo para ninguem, visto que a tal senhora já tinha fallecido.

Ricos, quasi poderosos, attendendo á pobreza dos seus conterraneos, os dois noivos não modificaram os seus hábitos patriarchaes, em que se encerrava todo o segredo da sua felicidade, e continuaram, entre outras cousas, a comer com a mão, mesmo nos dias de baptisado solemne dos filhos, o que bestificava d'espanto o mestre-escola do logar e corria o risco de ser criticado, em verso, nas gazetas de que elle era correspondente... poetico.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica



ALFREDO HENNEQUIN